

Churchill não se deixaria enganar

Se Churchill estivesse, hoje, aqui, conosco, que 10 perguntas nos faria ele?

Sobre Sir Winston Churchill como grande estadista, político e jornalista, já falaram, pessoas com muito mais competência e autoridade do que eu.

Resolvi, por isso, propor-vos um pequeno exercício: se Churchill estivesse, hoje, aqui, conosco, que 10 perguntas nos faria ele, depois de, claro, convenientemente briefado pela Senhora Embaixadora Kirsty Hayes?

E que responderíamos nós?

A primeira seria: Que fizeram vocês do projeto europeu? Das ideias e propósitos de Robert Schuman e Jean Monnet? Da construção levada a cabo por Mitterand, Kohl e Delors?

E que responderíamos nós?

Nós, tentaríamos responder que houve avanços, que a União Europeia engloba já 28 países, que o mercado único, que Schengen, que o Erasmus, que o euro, etc. etc.

Mas, provavelmente, Churchill não se daria por satisfeito e faria a sua segunda pergunta:

Como explicar então que o Reino Unido vá realizar um referendo sobre a sua eventual saída da União Europeia? E, antes disso, hoje mesmo, que os alicerces da União Europeia tremam perante as hesitações e os incumprimentos de um país, a Grécia, que representa



POR
**Francisco
Pinto
Balsemão**

Presidente da Imprensa

pouco mais de 2% do PIB da Europa?

Aí, já teríamos muito mais dificuldades em responder a uma só voz, e dividir-nos-íamos entre os que entendem que, para a recuperação da causa europeia, será preferível, embora por diferentes razões, não contar mais com o Reino Unido e deixar a Grécia sair, e os que pensam exatamente o contrário.

Churchill, que era determinado e gostava de ir até ao fundo de cada argumento, colocaria a sua terceira pergunta:

Perante a confusa resposta que acabei de ouvir, com que legitimidade criticam vocês o aparecimento de partidos nacionalistas e/ou populistas que vão surgindo por quase toda a Europa e aos quais dão assento nessa instituição inoperante a que chamam Parlamento Europeu?

Nós, tentaríamos explicar que não são todos iguais, que a Frente Nacional é uma coisa, o UKIP outra, os Verdadeiros Finlandeses outra ainda, que o Syriza não é comparável, que o Podemos e o Ciudadanos também não, e por aí fora.

Sir Winston, que não gostava de respostas dúbias, desistiria do tema europeu, e, depois de resmungar que teria várias outras perguntas a fazer em matéria europeia (desde as migrações à união bancária, passando pela prioridade dada à governamentalização em detrimento do funcionamento e autonomia de instituições europeias legitimadas por eleições democráticas), mudaria de assunto, visivelmente exasperado, formulando a sua quarta pergunta:

Dizem-me que, quando ocorreu, em 1989, aquilo a que vocês chamam a queda do muro de Berlim, houve grandes manifestações de alegria e chegou a falar-se do “fim da História”. Que aconteceu, de verdade, desde a queda do muro?

Nós, diríamos que, embora realmente Fukuyama não tivesse acertado, se haviam verificado grandes progressos: os chamados países satélites europeus haviam recuperado a sua independência e hoje estavam quase todos na União Europeia e na NATO, a libertação alargou-se a África, à Ásia, o Império soviético caiu.

Claro que Churchill não se deixaria enganar ou convencer com esta resposta. E como bom jornalista que também foi, colocaria a sua quinta pergunta:

Se tudo está tão pacífico, por que há novas bases da NATO a serem instaladas, na fronteira com a Rússia? Por que tremem de medo os Estados Bálticos? Por que foram impostas sanções à Rússia? Making it short: What are the aims of this fellow – what’s his name? – Putin? And what about Ukraine?

Nós, de novo nos dividiríamos, não só entre os que consideram Putin um génio, fundamental para o reequilíbrio geoestratégico mundial, e os que o qualificam como um neo-czar ambicioso e insaciável de poder, mas também quanto ao papel da NATO e, sobretudo, quanto às vantagens de apoiar sem hesitações o regime de Kiev.

Churchill, insatisfeito e a olhar para o relógio, mudaria de agulha e formularia a sua sexta questão:

Mesmo admitindo que a vossa estratégia com a nova e sempre velha Rússia é adequada, como encaixam a nova China no panorama mundial?

Nós, de novo, nos dividiríamos. Uns, entoariam hinos de louvor ao progresso económico e até social do grande

país asiático e à meritocracia que o rege. Outros, lembrariam os massacres do tempo de Mao, Tiananmen, a falta de liberdade, o trabalho infantil, a ocupação dos mares do Sul da China, o apoio à ditadura coreana, etc.

Churchill teria a tentativa de fazer mais perguntas sobre outros países asiáticos – a Índia, a Indonésia – e sobre membros do Commonwealth na Oceânia, como a Austrália e a Nova Zelândia, mas, interessado em demonstrar que absorvera o excelente briefing da Embaixadora Kirsty Hayes, voltaria a mudar de agulha e enunciaria a sétima pergunta:

No meio disto tudo, qual o papel dos Estados Unidos da América, que foram os grandes vencedores não só da II Guerra Mundial, mas também da Guerra Fria?

Nós, desdobrar-nos-íamos em referências a outras guerras – do Vietname ao Iraque, passando pelo Afeganistão. Tentaríamos explicar os Bush (omitindo, quiçá, que há mais um na calha...), os Clinton e entraríamos em pormenores, que provocariam um não disfarçado bocejo a Churchill, sobre a ineficácia do sistema do governo americano.

Despertando de uma apatia letárgica e pedindo mais um Porto, Sir Winston Churchill, passaria à oitava pergunta:

Se é assim, se os Estados Unidos da América já não mandam como mandavam, como se reorganizou o mundo à escala planetária? O que é isso da globalização?

Nós, lá teríamos de admitir que a reforma da ONU não avançou, que os G 20 e os G 7 também não tinham efeitos práticos, mas enalteceríamos os progressos na saúde, na ciência, nas energias renováveis. E louvaríamos o enorme avanço em matéria de comunicação, a gloriosa Internet com tudo o que ela significa, e ainda os progressos na defesa do ambiente, etc.

Winston Churchill já um pouco cansado e muito desiludido, voltaria à



Nós, dividir-nos-íamos ainda mais, face à avalanche de questões de fundo, todas elas sem solução, levantadas por Churchill

carga com a sua nona pergunta que encerraria uma multiplicidade de questões, todas entre si relacionadas:

Mas a Internet acabou com os genocídios, as diferenças entre os ricos e os pobres? Ou, pelo contrário, permitiu o aparecimento de novos poderes económicos e financeiros, culturais e desportivos, além de facilitar a vida aos cartéis da droga, às máfias, etc.? E do lado do ambiente, que foi o outro exemplo recente que vocês deram, acham que são as sucessivas conferências interna-

cionais, que se limitam a dar pequenos passos nem sempre cumpridos pelos principais infractores, que vão resolver o problema?

Nós, dividir-nos-íamos ainda mais, face à avalanche de questões de fundo, todas elas sem solução, levantadas pelo nosso interlocutor.

Churchill, aproveitaria o nosso embaraço e poria rapidamente o dedo na ferida, colocando a sua décima pergunta:

E a vangloriada e falhada Primavera Árabe? E o ISIS, ou Daesh ou Exército Islâmico, chamem-lhe o que quiserem? E o poder nuclear: no Irão? no Paquistão? mas também na China? Na Coreia do Norte? E as mudanças geo estratégicas resultantes das reservas de shale gas e de shale oil nos Estados Unidos da América e no Canadá?

Nós, aí, reconheceríamos que os acontecimentos e os poderes, novos e antigos, nos ultrapassaram.

Churchill, provavelmente sairia daqui com pena de não ter levantado muitas outras questões, ele que tanto gostava do debate. Mas estaria fatigado e pouco entusiasmado com a divisão inconclusiva que detetara nas nossas respostas.

Ansioso por voltar à solidão da melancolia em que mergulhou durante boa parte dos seus últimos anos de vida, Sir Winston consultaria mais uma vez o seu relógio de bolso, apagando o pouco que restava do seu charuto, e despedir-se-ia:

“Tenho de ir andando. Deixo-vos com uma pergunta inspirada por Karl Popper, personalidade tão admirada pelo Professor João Carlos Espada, aqui presente (o mesmo Espada, aliás, que, com tanta profundidade, tem estudado a minha obra e a minha vida).

E a pergunta que aqui fica (não tenho ...tempo para ouvir a vossa tentativa de resposta) é: podemos, em democracia, ser tolerantes com os intolerantes?”

Winston Churchill beberia o último trago do seu Porto, pegaria na bengala e sairia da sala sem olhar para ninguém. ■